**Le mort saisit le vif[[1]](#footnote-2)**

**Da memoria arqueologica à memoria referencial a Herança de Dona Alda**

Resumo

Este artigo parte do conceito de “memória” para demonstrar que o legado deixado por Dona Alda, ultrapassa o seio das suas múltiplas famílias. Para o efeito o artigo faz uma descrição breve da génese família de Dona Alda. Do ponto de vista analítico o artigo parte da tensão entre memoria arqueológica e memoria referencial define o papel de **Dona Alda** enquanto símbolo de coesão nacional. O resultado dessa percepção define a capacidade dos “filhos de Dona Alda” enquanto “herdeiros legítimos” entrarem na posse da herança da Matriarca da Naçao São-tomense. A relevância desta abordagem para o tema da edição especial do Bate mon, nomeadamente “os poetas não morrem” reside na demonstração da continua importância dos laços sociais implantados por Dona Alda no seio das suas múltiplas famílias afim de dar continuidade à obra de Dona Alda.

**Das várias memorias...**

Muitos são os discursos e homenagens. Cada grupo reivindica para si, o legado de dona Alda. Dona Alda poetisa. Dona Alda do Uneas, Dona Alda dos amigos. Dona Alda politica. Dona Alda mulher das mulheres. Apolítica. Mulher e filha. Os membros de sua mãe. Os membros de seu pai. Dona Alda tia e sobrinha. Prima. Prima Dona. Dona de uma só barriga. Barriga que chora, barriga que ri, acalentada no útero da esperança, lá, onde a igualdade teima em ser desigual, lá onde a barriga silencia e denuncia o útero que gera os seus filhos... Lá onde a vida segue ritmada pelos ciclos do “nada”. Este nada refere-se a todo o conjunto de coisas e lugares que dão sentido à palavra “nada”. As coisas faladas e as coisas silenciadas . lugares intimos, privados. Lugares publicos tríbutários das actividades de cada grupo e dos personagens por eles interpretados. Espaço onde a transição entre a memoria passada e a memoria viva, perpetuam o passado no presente.

Essa transmissão nao obedece apenas ao imperativo do dever de memoria, mas à construção do imaginário colectivo da nação são-tomense. Tem um carácter simbólico. A memoria familiar mobiliza memorias, que ditam o sentimento de pertencer a um grupo específico, nomeadamente a memoria arqueológica que terá influência sobre a memoria de referência. A primeira**, memória arqueológica** situa o sujeito no campo da genealogia e no conteúdo de uma historia familiar. Anuncia-se assim como uma récita das origens. Em consequência, a memoria arqueológica envia-nos para a questão de sabermos donde vimos.

No caso particular donde vem Alda Graça? Filha de João da Graça do Espírito Santo e de Maria de Jesus Agostinho das Neves. Sobrinha de Lazaro da Graça e prima de Violeta da Graça ... neta de Manuel da Graça Espírito Santo e de Justina Rodrigues , Irmã de Egídio, Amélia, Vasco e Aurélio, tia de Aissata, Clarinha, Aurélio e Vasco... Alda é assim inscrita num espaço anterior à sua própria existência, o espaço de seus pais , seus tios, primos e porque não dos seus avós e bisavós, uma família de ilustres, dizem, “filhos da terra”. Terra d’aqui e terra d’ali, tornada “solo sagrado” pela fixação de homens e plantas d’ali e d’aqui e pelo trabalho de Manuel Graça, rico proprietário benemérito. Uma família que vem do longinquo seculo XIX, lá no tempo colonial, onde o cacau era rei e as desigualdades sociais a sua rainha. Os valores de solidariedade e dignidade advêm da herança familiar. Uma história escrita no seio da família fora-lhe transmitida. Ao lado dos laços afectivos e emocionais uma mobilizaçao intensa fora feita na aquisição de conhecimento e do saber. Ainda no tempo em que o “nosso solo sagrado” era português, de testemunho erguido começa a redigir sua propria historia. A tinta negra escreve as desigualdades, a tinta vermelha chora o sangue derramado pelos revoltados, a tinta verde a esperança de uma vida melhor para ‘todos os seus filhos’. As cores da sua escrita herdou-as no seio familiar, formataram o seu carácter, as suas convicções, sua dignidade e lealdade. A vivencia de Alda é fruto do passado colonial, que terminou a 12 de Julho de 1975, mais as transformações económicas que ocorrerem durante cerca três décadas. A historia familiar e as transformações sociais, politicas e económicas ocorreram ao longo de sua existência, em São Tomé e Príncipe criando elementos fundadores e duráveis da memoria colectiva.

**As outras famílias, para além dos laços sanguíneos**...

A memoria referencial, o passado é mobilizado a fim de exprimir um quadro de referencias e de valores, para melhor compreender o presente. Esta refere-se menos à historia familiar. A importância dada à educação no seio da sua família biológica, levou Dona Alda, numa primeira fase a ser professora e numa segunda fase a erigir a educação como plataforma de desenvolvimento. Exemplo a celebre frase de Dona Alda, “Eu nao descansarei, enquanto não vir de cada uma das “paliês” da minha terra, pelo menos, um filho licenciado”. A dualidade deste discurso reside na confrontação entre a memoria arqueologica e a memoria referencial. O passado estava vivo no presente de Dona Alda através da representação da realidade e da realidade da representação. Trata-se por um lado da realidade concreta que se traduz na utilização e reprodução das estruturas da educação herdada - educadora- e por outro, da idealização e realização do que instituiu para a sua grande família – o povo de São Tomé e Príncipe.

Em nome dessa grande família, a mulher tornou-se politica. Aderiu ao MLSTP, ainda no tempo em que se chamava CLSTP – época clandestina. Este partido, na segunda Republica viu seu nome rebaptizado em MLSTP-PSD, e muitos dos seus súbditos debandarem para os outros partidos, alguns iam e vinham, para lá e para cá consoante as transformações sociais, politicas e económicas de Sao Tomé e Principe acompanhavam as mudanças no mundo. A mulher resistiu a todas as mudanças, serena , seu útero pariu, assim a sua Família politica. No seio do partido é venerada e por vezes esquecida. Como também acontece nas famílias estreitadas pelos laços de sangue. O esquecimento, é parte integrante da memoria, comandada pelo projecto de uma continuidade a respeitar. A memoria do passado a expectativa num futuro de comunhão de ideais, catapultou Dona Alda para o “Forum das mulheres” lugar, onde todas as mulheres de todas as confissões politicas deveriam conviver juntas, a Mulher das Mulheres torna-se Apolítica. Seu utero aconchega suas irmãs. O ventre pare uma família suprapartidária.

Antes porém D. Alda fez-se poetisa, para escrever o seu “inconformismo”, face às injustiças sociais. Seu Ventre Grávido de letras gerou duas filhas: São de Deus Lima e Inocência da Mata e muitos outros filhos escritores e escritores, mais pequeninos... Uneas, Ulaje...

**Conclusão:**

Da necessidade de transmitir ...A Herança de dona Alda

Dona Alda soube manter laços inquebrantáveis com as suas diferentes famílias, nomeadamente: a família biológica, unida por laços de sangue, a família politica unida em torno de ideais políticos comuns, a família das letras, unidas através da paixão pela escrita duma maneira geral e da poesia em particular, a família dos outros amigos, com os quais tecia os mais variados laços, e por ultimo a família das ilhas, sua razão de ser – o útero tornou mulher e gerou os filhos embalados pelo hino e aconchegados na bandeira verde amarela e vermelha... “Tudo isto são os meus filhos” disse dona Alda, referindo-se às gentes das ilhas, na ultima entrevista concedida à jornalista Sao -tomense São de Deus Lima. O que confere, do ponto de vista antropologico, contornos de um modelo de coesão da Nação enquanto “comunidade politica imaginaria e imaginada como intrinsecamente limitada e soberana”[[2]](#footnote-3). Imaginaria porque Dona Alda não conhece o rosto de todos os seus filhos. Imaginada porque Dona Alda sonhou um modelo de sociedade para os seus filhos, o qual, não pôde inventar. A nação é imaginada como limitada, porque Dona Alda extrapula o espaço nacional. A Família de dona Alda são todos os grupos aos quais o seu sorriso, a sua candura, complacência, bondade, tolerância, inteligência e espírito de abnegação deram existência. A missao que nos Deixou dona Alda foi a de continuarmos perpetuarmos o seus ideais, sabendo gerir a memoria e o esquecimento na consolidação da nação. Estará a nação enquanto herdeira legitima de Dona Alda pronta entrar na posse imediata da Herança?

-Fim-

Texto compilado por: Iolanda Trovoda Aguiar

1. Formula jurídica consagrada em direito civil para exprimir o direito que cabe ao herdeiro legítimo de entrar na posse imediata da herança do defunto. Não há expressão correspondente na língua portuguesa mas poderá traduzir-se por o morto apoderar-se do vivo. In Pierre Bordieu, o Poder Simbolico. [↑](#footnote-ref-2)
2. Anderson Benedict, (2002) L’imaginaire national : réflexions sur l’origine et l’essor du nationalisme, Paris, La Découverte [↑](#footnote-ref-3)